



31 (1) : 5 - 6
jan/jun 2006

EDITORIAL

Narração e experiência. Arte e pensamento científico. Corpo, saberes e práticas pedagógicas. Histórias para crianças e teorias da infância. Pedagogia do conceito e concepções de educação. Formação docente e filosofia da experiência. São muitos *e, e, e*. É assim que agrupamos os artigos de nossos colaboradores, neste número intitulado “Pedagogias e formação docente”, buscando juntar isto *e* aquilo e afastando a exclusão do *ou*, para que nossos debates em educação se façam a partir das impurezas do pensamento e da vida, da complexidade própria do humano e, claro, das práticas discursivas e não discursivas do cotidiano de professores e alunos, *aqui, agora*.

Educação & Realidade se propõe a oferecer aos leitores e leitoras um conjunto de textos que, de diferentes pontos de vista teóricos e focando distintos objetos de investigação, endereçam-se a todos os que se ocupam da formação docente, com um objetivo que parece percorrer a escrita de todos os autores: o de *problematizar* narrativas ficcionais ou experienciais, modos de fazer história da infância, filosofias de educação, teorias pedagógicas.

Presente em vários dos artigos deste número, o tema da narração nos remete, inevitavelmente, a Walter Benjamin, e a seus belos ensaios, especialmente o célebre “O Narrador”, texto absolutamente atual, apesar de escrito em 1936. Nele, somos convidados a pensar sobre os modos de narrar de nosso tempo, sobre o que narramos no cinema, na TV, nos romances e contos de nossa época; sobre como nos narramos e nos deixamos narrar no cotidiano familiar e escolar, como tratamos ou deixamos de tratar das experiências mais genuínas, para dar lugar à avalanche inesgotável de informações.

Será que nossas pesquisas chegam a falar de alguma forma da narrativa que transforma, que permite esquecer-nos por algum tempo de nós mesmos e nos entregarmos ao que nos chega, pela leitura recolhida e silenciosa ou pela voz do contador de histórias? Em que medida nos damos conta de que, como escreve Benjamin, “a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar”?¹

Trazer para o interior da discussão do pensamento pedagógico os modos de fazer história *e* o próprio tema da narração parece ser um programa inquietante e inquietador, nessa perspectiva benjaminiana de que, quando nos colocamos

diante do destino alheio (pela escuta, pela leitura, pela busca das narrativas do outro), na verdade estamos diante da real possibilidade de uma chama que queima e consome, estamos diante da morte, real ou metafórica – e é exatamente isso o que nos aquece “a vida gelada”. É isso que mobiliza profundamente nosso ser, numa perspectiva talvez trágica, mas profundamente vital, de sairmos de nós mesmos, para conosco nos enfrentarmos. Não seria essa uma instigadora proposta para a prática docente: armar-se ética e esteticamente, como queriam os filósofos gregos e romanos clássicos, para viver a vida como pensamento e o pensamento como vida, e aceitando que jamais haverá pensamento sem riscos?

Técnica e filosofia. Ciência e arte. Ficção e experiência. Divino e humano. Filosofia e criação. Fantasmas e cotidiano. Poesia e matemática. Corpo e pensamento. Articulações e *adições* como essas estão em cada um dos textos publicados neste número. Agradecemos especialmente aos colaboradores que nos confiaram suas escritas e desejamos a todos uma agradável leitura.

Rosa Maria Bueno Fischer
Editora

1. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 208.